

CLIPPING

10 de Abril de 2019
O Liberal - Cultura

ARTE COMO ATO POLÍTICO

TROVOA

- Exposição coletiva reúne trabalhos de artistas negras na capital paraense

Quinze identidades artísticas distintas, juntas em uma luta por visibilidade, estão na exposição “Quieto Como é Mantido”, ligada ao coletivo Trovoa. A mostra será aberta neste sábado (13), no Centro de Estudo e Defesa do Negro (Cedenpa), às 17h. A exposição com trabalhos desenvolvidos apenas por mulheres negras e não-brancas artistas, fica aberta para visita até o dia 19 de abril. A entrada é franca.

Thays Chaves, uma das curadoras da exposição, conta que a junção de mulheres negras artistas já é um ato político, considerando o cenário atual da política brasileira e o fato de estas terem pouco espaço em galerias. “É um ato político porque as portas estão sempre fechadas para artistas pretas, as galerias não nos reconhecem, as curadorias não nos convidam para participar de eventos, e agente tem que acabar fazendo isso no final, esse aquilombamento, que é a reunião de pessoas negras para fazer algo como um quilombo de mulheres artistas, porque estamos cansadas de ser vistas como artistas homogêneas”, explica Thays, que é formanda em Artes Visuais pela UFPA e também tem trabalhos dentro da mostra. Ela assina a curadoria junto a Ceci Bandeira, mestranda em Artes Visuais.

Com trabalhos que passam por diversas linguagens, desde a fotografia e instalações até a colagem, videoperformance e documentários; “Quieto Como é Mantido” explora as diferentes identidades das artistas negras da Amazônia, apresentando trabalhos de 15 mulheres. Estão na mostra: Thaís Sombra, Fernanda Vera Cruz, Marceley Gomes, Ceci Bandeira, Joyce Cursino, Lo Ojuara, Cinara Moraes, Beatriz Paiva, Marise Maués, Luana Andrade, Gabriela Monteiro, Juliana Matemba, Natacha Barros, Thays Chaves, Luana Peixe e Raphissia.

A fotógrafa Sibely Nunes é uma das artistas que compõem a mostra. Com a série fotográfica “Festão da Virada de Ano”, o trabalho traz registros feitos anos atrás em suas viagens para o povoado de São Miguel do Itaquerê, em Maracanã. Ela conta que no local mora parte da família da mãe, e as fotos foram feitas durante uma das festividades realizadas na comunidade, que movimentam não apenas os moradores, mas moradores do entorno e outros que migraram para a capital.

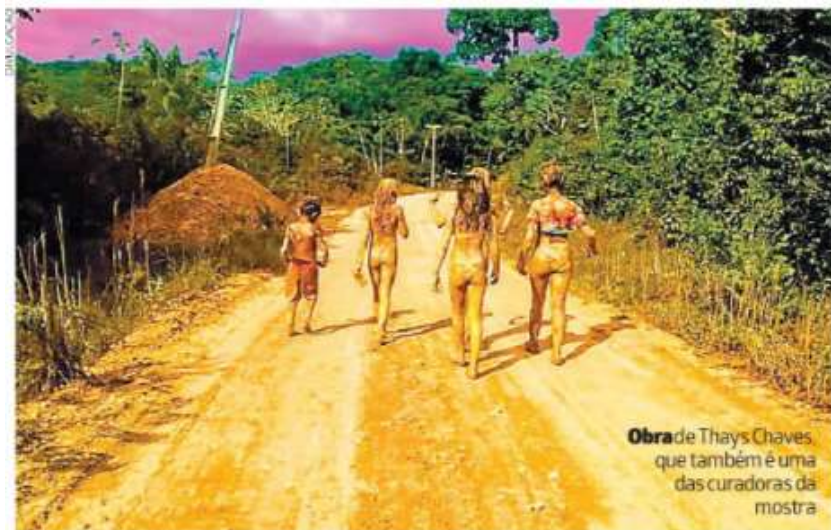
“As comemorações movimentam grande parte das pessoas que são ou vieram de lá. Eles se programam

meses e meses antes das festividades, pensam nas roupas, guardam dinheiro para as grades de cerveja, compram os bingos ou se metem nos concursos de dança. Essas celebrações estão presentes na minha memória afetiva, sou a ‘prima da cidade grande’ que não se enturma tanto. Nossos contextos não são tão diferentes, mas com certeza tive alguns acessos que eles não tiveram. Sempre que vou lá tenho um olhar muito contemplativo, tudo que tá lá faz parte de mim, ao mesmo tempo que não faz tanto assim”, justifica.

A exposição é independente, e todo o trabalho foi feito de forma voluntária. A mostra de Belém faz parte de um levante nacional de artistas e curadoras negras e não-brancas, coordenado pelo coletivo Trovoa, de artistas negras da periferia do Rio de Janeiro. O grupo já realiza trabalhos de fomento a produção de artistas negras e não-brancas, mas decidiu expandir as barreiras, fazendo uma mostra nacional. Marabá também receberá a exposição, que deve seguir, ainda, para outros estados.



Fotografia de Juliana Matemba está na exposição



Obra de Thays Chaves, que também é uma das curadoras da mostra



Agende-se

Exposição "Quieto Como é Mantido"

▶ **Abertura:** 13 de abril (sábado), às 17h

▶ **Local:** Centro de Estudo e Defesa do negro - Cedenpa (Rua dos Timbiras, 244 - Cremação)

▶ **Visitação** até 19 de abril, de segunda a sexta-feira, das 10h às 15h

▶ **Entrada franca**